E. Bernard Allo, O. P.

São Paulo e a “dupla ressurreição” corpórea

Tradução:
Felipe Arnellas Coelho

Sampa
2019

SÃO PAULO E “A DUPLA RESSURREIÇÃO CORPÓREA”[1]

A interpretação do capítulo XX, 1-10, do Apocalipse por um Reino de mil anos entendido à letra, com Cristo visível dominando a terra, sentado em Seu trono em meio aos mártires ressuscitados, possui ainda a aceitação da maioria dos exegetas não ortodoxos. No entanto, aqueles para os quais não é suficiente repeti-la como uma lição de seu “catecismo científico”, não ignoram as graves dificuldades que apresenta. Por mais que uma tal concepção seja análoga à de certos apócrifos judeus e pareça confirmada pelo quiliasmo de alguns antigos Padres, está em discordância manifesta com as profecias do Senhor nos Sinóticos, segundo as quais a Parusia (a Segunda Vinda de Cristo), sobrevindo de forma inesperada, colocará o ponto final em toda a história terrestre; não encontra fundamento nem mesmo em Daniel. Por isso, Zahn quererá considerá-la uma revelação nova e toda particular concedida a São João; o católico Wikenhauser, mantendo-a como sentido literal, se esforçará por explicar que é apenas uma espécie de alegoria, para significar que os mártires terão situação privilegiada no mundo futuro. Mas aqueles que não têm de fazer apologética, por exemplo Loisy, reconhecem sem rodeios que o milenarismo literal aparece como um elemento estranho ao conjunto do Novo Testamento e permanece inconciliável com muitas afirmações do próprio Apocalipse; logo, só poderia ser um espécime daquele conflito entre tradições heterogêneas, generosamente e pouco inteligentemente — segundo o sistema deles — justapostas num mesmo livro. Entretanto, ninguém se limita a essa solução desesperada; faz algum tempo que se põem a insistir em certos traços, bastante obscuros, da escatologia de São Paulo, na qual pretendem descobrir ao menos o esboço da crença quiliasta. Teríamos assim, na revelação cristã, duas perspectivas escatológicas em conflito: uma, geral e isenta de quiliasmo, que é a dos Sinóticos e culmina na Segunda Epístola de Pedro; outra, milenarista, tomada de empréstimo a círculos judeus da mesma época, que se mescla à primeira em Paulo e se desenvolve no Apocalipse, em Papias, Justino, Ireneu e ainda outros. Digamos desde logo que nunca se teria pensado em descobrir semelhante teoria nas Epístolas paulinas se não tivesse sido

1. [N. do T. — Fonte desta tradução: E. Bern. ALLO, O. P., *Saint Paul et la « double résurrection » corporelle*, in: *Revue Biblique* XLI (1932) 187-209; cotejado com o conteúdo mais ou menos paralelo das pp. 438-454 de seu Comentário *Saint Paul. Première Épître aux Corinthiens*, 2ª ed., Lecoffre, Paris 1934, “Excursus XVIII — *Double résurrection prétendue*” (Pretensa dupla ressurreição).]

necessário encontrar a qualquer preço um paralelo ou um antecedente neotestamentário para o pretenso milenarismo de João. Este artigo visa mostrar à custa de que complacências violentas e de que recusa de análise se chegou a tanto.

*
* *

A passagem de Paulo que está em causa essencialmente é *I Coríntios*, XV, *22-26*; para fazer exegese suficiente sua, devemos recorrer a um paralelo muito próximo, *I Cor.* XV, *50-55*, e a outro mais remoto, *I Tessalonicenses* IV, *13-18*.

Digamos, antes de tudo, por que consideramos esse cotejo entre *I Cor.* e *I Tess.* legítimo e necessário. Embora um intervalo de talvez cinco anos separe essas duas epístolas, nada autoriza a pensar que as ideias de Paulo quanto aos novíssimos (as realidades últimas do homem) tenham variado durante esse tempo[2]. Se ele houvesse tido de retificar algum ensinamento outrora proposto por ele a seus fiéis — e isso sobre um tema tão capital na sua pregação como eram os fins últimos —, os seus escritos nos teriam efetivamente conservado algum sinal disso, ao menos em forma de alusão. Mas toda indicação, toda alusão dessa espécie estão ausentes.

Ele bem pode ter feito isso, dir-se-á, na pregação oral. Ninguém negará isso. Mas tão só em desespero de causa é que seria possível refugiar-se nessa incógnita, e apenas se o conjunto das cartas de Paulo, que são quantidades conhecidas, apresentasse incoerências ou contradições inexplicáveis de outro modo. Tal não se dá no caso em que as cartas, esclarecendo-se uma pela outra, mostram — ou ao menos não excluem — a continuidade da ideia e a coerência dos pontos de vista.

É este o caso aqui? Pretendemos demonstrá-lo pelo que virá a seguir. Não nos esqueçamos de que tudo o que nos é conhecido *imediatamente* — isto é, fora dos *Atos*, mais discutidos até do que as Epístolas, e fora de algumas informações esparsas nos escritos dos Padres apostólicos, e da tradição — sobre as doutrinas de Paulo, devemo-lo simplesmente à sua *correspondência* com suas igrejas e com alguns discípulos. Ora, numa correspondência, o alcance das expressões é frequentemente condicionado por um conjunto de circunstâncias bem conhecidas dos que se escrevem uns aos outros, mas que nós não conhecemos, e que não podemos

---

2. Nem, tampouco, até o fim da vida: por exemplo, que ele tivesse acreditado permanecer no número dos vivos quando escreveu *I Tess.* e *I Cor.*, e que contasse com a morte quando escreveu *II Cor.* e *Fil.* Sobre isso, v. *infra*.

adivinhar senão através das cartas mesmas. As obscuridades de uma missiva particular, se puderem ser explicadas, se explicarão, portanto, melhor, ou se explicarão unicamente, por aquilo que o epistológrafo tiver escrito noutras missivas, enviadas aos mesmos correspondentes ou a vários outros. Li o princípio de que cada carta deve ser interpretada por si mesma, não por outra. Sim, sem dúvida, *quando a coisa é possível*, cumpre buscar explicar pelo contexto imediato tudo que se puder. Mas isso, que deve ser possível num tratado sistemático bem feito, completo em si, o é raramente numa carta de circunstância, na qual a doutrina é dada por resumos e por fragmentos, adaptados a necessidades particulares — como é o caso de quase todas as cartas do Apóstolo. A relações entre Paulo e seus discípulos, a esta distância de vinte séculos, formam para nós como um círculo fechado, onde não entraremos, por assim dizer, senão por efração, armados de hipóteses fundadas em considerações mais gerais, por meio das quais procuraremos nos orientar no interior do círculo; se a hipótese for boa, esclarecerá o que nos parecia obscuro, e os dados esparsos e fragmentários se coordenarão harmoniosamente debaixo de nossos olhos; se isso não acontecer, é porque a hipótese era ruim, e deveremos procurar outra. É absolutamente verdadeiro dizer que compreendemos o todo de uma personalidade e de uma doutrina pelos detalhes, mas não menos verdadeiro é afirmar que os detalhes não adquirem ordinariamente seu valor genuíno a não ser em função da doutrina ou da personalidade já conhecidas. Círculo vicioso? Não; no complexo dos fatos humanos, quase nunca podemos proceder doutro modo; entramos hesitando no círculo, mas se tomamos uma boa direção, vemos então que as duas séries de relances de vista (a do todo e a dos detalhes) se esclarecem uma pela outra, unificando-se: os detalhes ficam claros pelo que sabíamos, ou pelo que presumíramos, do conjunto e da personalidade; e, reciprocamente, os vislumbres sobre o conjunto e a personalidade se confirmam e se desenvolvem mediante a decifração dos detalhes. Seria aliás bem inútil recordar essas verdades se a exegese moderna as conhecesse um pouco melhor na prática, em vez de continuar geralmente dominada por métodos de determinismo mecânico, herança obsoleta da ciência do século XIX, que lhe dão a ilusão de que temos de conhecer a fundo cada elemento, identificá-lo como um pequeno sólido indeformável, ou átomo de uma substância química, antes de ousar estudar a combinação dos elementos, o todo vivo, e nada encontrar no todo que não seja a soma desses pequenos sólidos e de suas reações determinadas de antemão, sem admitir aí nada que seja novo, devido à liberdade ou à revelação; isso em virtude do

famoso princípio antigo — transposto, de maneira consciente ou não, para uma ordem na qual já não tem lugar — de conservação da matéria, da massa e da energia. Haveria muito o que dizer a respeito; mas a digressão seria longa demais. Para voltar a São Paulo, e à unidade que presumimos na sua doutrina escatológica, afirmemos somente que não se trata de uma hipótese de trabalho arbitrária; nós entramos simplesmente no círculo de Paulo com a "hipótese" de que ele e os Apóstolos transmitem uma doutrina coerente; ora: primeiramente, nada a contradiz, assim como vamos demonstrar; em segundo lugar, podemos raciocinar por analogia com outras doutrinas, que certas epístolas provam ter sido conhecidas de seus destinatários apesar de não terem sido explicadas por escrito a não ser para outros correspondentes, o que faz consequentemente supor que estavam disseminadas universalmente, ao menos numa certa época, nas igrejas de Paulo: assim, a doutrina justificação, da lei e do pecado, que Paulo recorda aos Coríntios como uma verdade para eles familiar (*I Cor.* XV, 56), muito embora não se encontre exposta senão aos Gálatas e aos Romanos.

*
* *

Estando isso bem compreendido, estudemos a famosa passagem em que São Paulo supostamente teria preludiado o quiliasmo. Ela se encontra na *Primeira aos Coríntios, cap.* XV*, vv. 22-56.*

22. Com efeito, assim como em Adão todos morrem, assim também é em Cristo que todos serão vivificados. 23. Mas cada um no posto (*ou* "no grupo") que é o seu (ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι): o Cristo, primícias; depois (ἔπειτα) os que são de Cristo, quando da sua Parusia. 24. E então (εἶτα), o fim! (τὸ τέλος) quando ele entrega (παραδιδοῖ) a realeza ao Deus e Pai, quando ele tiver feito desaparecer todo principado e toda dominação e poder. 25. Porque é preciso que ele reine (δεῖ γὰρ αὐτὸν βασιλεύειν) até que ele tenha posto todos os inimigos debaixo de seus pés. (Sl. 110). 26. O último inimigo a desaparecer, é a Morte…

A teoria a ser julgada é a seguinte:

Entre os versículos 23 e 24 introduzir-se-ia a noção do "Reino intermediário", como no Apocalipse. A ressurreição aconteceria em três tempos: primeiro a de Cristo, primícias, que já ocorreu; — depois (ἔπειτα) a dos fiéis de Cristo, na hora da Parusia; — e então (εἶτα, coordenado com ἔπειτα), a do resto dos homens (τὸ τέλος) que não participaram da primeira. Portanto, duas ressurreições corpóreas. A segunda é separada da primeira por um intervalo, assim como a primeira foi separada da ressurreição de Jesus. Três τάγματα: o Cristo — os fiéis — "os outros".

O primeiro intervalo foi preenchido pela vida militante da Igreja até o retorno de seu Cabeça, na Parusia; o segundo será preenchido pelo quê? Pelo “reinado” do Cristo que tornou a descer em meio aos seus ressuscitados; ele tomará vigorosamente em mãos seu poder régio (βασιλεύειν), para reduzir todos os poderes que ainda não lhe estiverem submetidos (cfr. o *Apocalipse*, Gog e Magog), e destruirá todo império da Morte (que ele lançará no tanque de fogo, *Apoc.*), ressuscitando os últimos mortos, para os quais o juízo geral assinalará o destino eterno de cada qual.

Admitindo-se esse paralelismo com o Apocalipse, seria preciso no mínimo começar notando que ele claudica em vários pontos. Em primeiro lugar, no Apocalipse o combate vitorioso contra os poderes significados por Gog e Magog, insuflados por Satanás libertado, ocorre somente no fim dos Mil Anos, enquanto que em Paulo todo o reinado que, na hipótese, se seguiria à Parusia, aparece ocupado por uma guerra de conquista e de extermínio; poder-se-ia dizer, porém, que isso é simples efeito variado de perspectiva. O mais grave é que, nos escritos de Paulo, todos os fiéis, todos “os de Cristo”, são ressuscitados e devem, por conseguinte, reinar com Ele, enquanto que o Apocalipse não faz (na hipótese dos mesmos exegetas) ressuscitarem e reinarem senão os “mártires”. Não são, portanto, em Paulo e em João, os mesmos ressuscitados nem os mesmos “reis” — a não ser que se queira acreditar, com Charles e Loisy, que, “fiéis” e “mártires”, é *unum et idem* (são uma só e idêntica coisa), porque todos os cristãos, segundo o Apocalipse, haverão de ser martirizados pela Besta, entre a publicação do livro e a Parusia, ficando preteridos nessa perspectiva os fiéis mortos antes e doutro modo; ideia formalmente contrária à de Paulo, que representa cristãos vivendo ainda na hora da Segunda Vinda. Os que, porém, não se entregam a tal fantasia (como Wikenhauser), não podem assimilar Paulo e João; é mister que reconheçam uma divergência essencial entre as duas perspectivas. E não poderão justificar as posições de Paulo como tentam fazer com as de João, dizendo que este quis muito simplesmente ensinar, servindo-se do mito judaico do “Zwischenreich” (“Reino intermédio”), uma glorificação especial e antecipada de uma categoria especial de fiéis, os “mártires”; esse expediente apologético lhes escapará no que diz respeito a Paulo, e terão de reconhecer que este, diferentemente de João, não poderá ser absolvido de milenarismo material.

Com relação à interpretação de João, remetemos o leitor ao nosso comentário ao Apocalipse, no qual nada nos parece dever ser mudado aqui.

Quanto à exegese de *I Cor.*, XV, 22-26, tudo dependerá primeiramente do sentido, e da função na frase, que cumpre atribuir às expressões:

ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι;
εἶτα;
τὸ τέλος;
δεῖ γὰρ αὐτὸν βασιλεύειν.

1.º ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι. — É evidente que essa expressão comanda ao menos as duas que vêm em seguida: Χριστός e οἱ τοῦ Χριστοῦ; um e outros terão (ou ocuparão) seu τάγμα respectivo. Mas o que quer dizer essa palavra, τάγμα? O sentido ordinário, desde o século IV e especialmente Xenofonte, é "corpo de tropa", "subdivisão militar" pequena ou grande. Encontramo-la nos papiros, nas inscrições, em Josefo, Clemente Romano, Hermas, etc., e passa muitas vezes para o sentido mais geral de "grupo" qualquer. Os Setenta empregam-na umas vinte vezes, o mais amiúde no sentido derivado: "bandeira" (para congregar os grupos), e às vezes no sentido mais remoto: "homens de infantaria"; os outros tradutores gregos da Bíblia vertem-na com o sentido de "bando", "destacamento"[3], "fileira". Assim, sua significação no século I era muito extensível; e, dado que τάγμα, etimologicamente, quer dizer simplesmente: "aquilo que está ordenado", ou "posto em ordem", não espanta que adquira ainda outras acepções. Assim, na 414.ª das *Definições* falsamente atribuídas a Platão, lemos: δίκαιον νόμου τάγμα ποιητικὸν δικαιοσύνης, onde significa "ordenação" = "prescrição": "prescrição legal que realiza a justiça", está traduzido na coleção Budé. Aristóteles, *Pol.* IV, VII (9), 3, escreve: ἐκ δυοῖν ταγμάτοιν, τὰ μὲν ἐκ τοῦ ὀλιγαρχικοῦ νόμου, τὰ δ᾿ ἐκ τοῦ δημοκρατικοῦ, onde a constituição, seja oligárquica ou democrática, se chama uma τάγμα. Além disso, partindo do sentido comum de "grupo" ou "tropa" que ocupa seu lugar determinado num desfile, militar ou não, era fácil passar para o de "posto", "posição" ou "escalão" de um indivíduo na tropa. Assim, Epicuro (*A Herodotos*, 71, em Diógenes Laércio I) fala das coisas φύσεως καθ᾿ ἑαυτὰ τάγμα ἔχοντα = "que têm cada uma para si o seu posto na natureza", e provavelmente é o mesmo sentido que devemos reconhecer a *I Clement*. XLI, 1 (apesar de XXXVII, 3, onde τάγμα = "grupo"): ἕκαστος ἡμῶν, ἀδελφοί, ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι εὐαρεστείτω τῷ θεῷ = "que cada um de nós, irmãos, em seu posto,

3. [N. do T. — No original, "*fête*", mas quer-me parecer que o A. tivesse em mente o termo inglês "*party*", que, sim, pode significar "festa", mas também "grupo", "facção"; no uso militar: "destacamento", etc.]

torne-se agradável a Deus”, na função individual que desempenha, antes que “no interior de sua ordem” (de sacerdotes, levitas, leigos, XL, 6). — Então, se em nossa passagem de São Paulo traduzirmos como “em seu próprio posto”, evitaremos assim a dificuldade de fazer “tropa” representar Cristo sozinho (cfr. *Lietzmann*).

2.º-3.º εἶτα τὸ τέλος. — Εἶτα significa “depois”, ordinariamente em sentido cronológico; mas essa palavra, assim como o composto respectivo ἔπειτα, indica também, muitas vezes, não uma ideia de posterioridade no tempo com relação às coisas que precedem numa enumeração, mas simplesmente que se continua a enumerar, como em português “e ainda”, ou um “então” indefinido, ou o que é *imediatamente consequente*, sem intervalo temporal, bem como o que é subsequente[4]. Na mesma epístola aos Coríntios, XII, 28, ἔπειτα indica tão somente uma ordem inferior de dignidade. Acima de tudo, porém, importa notar que no início deste mesmo capítulo XV, v. 7, onde ἔπειτα e εἶτα se seguem como equivalentes, há todas as razões para julgar que queiram dizer “e depois”, “e ainda”, sem intenção cronológica (porque Tiago, nomeado como beneficiário de uma aparição especial do Ressuscitado, estava certamente incluído já na enumeração precedente, cfr. a tradição do *Evangelho segundo os Hebreus*). — Tudo isso nos autorizará, se necessário, a ver no εἶτα de XV, 24, outra coisa que não a indicação de um intervalo no qual se pudesse alojar uma guerra messiânica.

Essa questão está ligada à do sentido que convirá atribuir à palavra seguinte, τὸ τέλος. Em si, τέλος significa “fim”, “conclusão”, mas também “ponta”, “cauda” (*Isaías*, XIX, 15); essa segunda acepção (= περίττωμα, “o que resta”, *Lietzmann*, ad loc.) encontra-se por exemplo em Aristóteles, *De gen. an.*, para “o que sobra” do alimento e vai-se embora do corpo. Poder-se-ia então, falando em abstrato, na nossa passagem entendê-la do “resto”, dos “outros”, isto é, dos homens que não são “os de Cristo”, talvez com uma nuança de desdém na expressão. Veremos se isso convém melhor ao contexto do que o sentido comum e abstrato de “fim”, “conclusão”.

Mas já agora podemos ver que a estrutura da frase, nos vv. 23-24, obriga, por si só, a unir intimamente εἶτα τὸ τέλος ao que vem em seguida (ὅταν παραδιδοῖ…), e não ao que precede. Poderíamos achar, à primeira vista, que εἶτα esteja coordenado com ἔπειτα de 23 e fosse pedido por este

4. Numerosos exemplos dessas “posterioridades” não temporais no que diz respeito a ἔπειτα. Ver *Kühner-Gerth*, II, p. 281. *Preuschen-Bauer* remete a papiros, a *Hebr*. VII, 2, a *Tiago* III, 17; igualmente o Voc. de *Moulton-Milligan*.

primeiro advérbio; mas, considerando melhor, evidencia-se claramente, antes do mais, que essa “entrega” da realeza ao Pai não pode estar unida logicamente aos três membros (que se presumem existentes) na enumeração; porque o Cristo-primícias está excluído: não foi no momento de sua ressurreição que ele entregou um reino pacificado a seu Pai; essa exclusão do primeiro membro torna no mínimo duvidoso o elo de ὅταν παραδ. com o segundo membro ἔπειτα οἱ τοῦ Χριστοῦ; o que continua certeza é que é impossível separar a coisa ou o acontecimento significado por τὸ τέλος da proposição que vem em seguida; as palavras ὅταν παραδ. κτέ. podem muito bem nada mais ser, portanto, que explicação de τέλος, ou designar um fato concomitante unicamente com esse τέλος; e então seria muito natural fazer começar uma nova frase, elíptica, uma nova ideia, com εἶτα τὸ τέλος, o que impediria de insistir demasiadamente numa coordenação de εἶτα com ἔπειτα para concluir daí que εἶτα introduza algo de homogêneo a οἱ τοῦ Χριστοῦ, um terceiro grupo.

4.º δεῖ γὰρ αὐτὸν βασιλεύειν κτέ. — O γάρ indica que essa frase é explicativa; Cristo deve reinar, necessariamente, *porque* ele precisa ter tempo de aniquilar todos os seus inimigos. Mas o tempo presente do infinitivo βασιλεύειν não mostra que é só quando ele surgir na Parusia e tiver ressuscitado “os de Cristo”, que ele deflagrará essa guerra real que há de culminar na destruição da morte; se Paulo seguramente tivesse querido exprimir essa ideia (Reino intermediário), ele teria mais apropriadamente empregado o aoristo ingressivo βασιλεῦσαι.

Uma vez desembaraçados dessas preliminares, poderemos determinar, para toda a perícope 22-26, parafraseando se necessário e comentando um pouquinho, o sentido que se mostra sem comparação o mais natural.

22….. é em Cristo que todos serão vivificados.

Comentadores antigos, com um ou outro moderno, acreditaram que essa “vivificação” fosse a ressurreição corpórea em geral, tanto dos réprobos como dos eleitos. Mas essa opinião não se harmoniza nada com o contexto, no qual Paulo absolutamente não se ocupa senão dos que serão chamados à vida da glória, conforme a do Cristo ressuscitado. Ele deixa, em todo este capítulo, os condenados na penumbra. Não se compreenderia que ele dissesse que os infelizes condenados à morte eterna serão “vivificados em Cristo”. Logo, já só por essa razão, τὸ τέλος terá pouca chance de significar: “os outros, os que não pertencem a Cristo” e, quando da ressurreição, não obterão a salvação.

23. Mas cada um [chega a essa vivificação] no posto que lhe convém: primeiro Cristo, primícias [dos ressuscitados gloriosos][5]; depois os que são de Cristo, quando da Parusia dele.

Os que são de Cristo e os que são salvos: é, conforme todo o Novo Testamento, exatamente a mesma coisa; porque nenhum justo, ainda que tivesse ignorado materialmente a Cristo, pode ser justificado e salvo a não ser pela mediação de Jesus, cujos efeitos antecipados se fizeram sentir desde que existem os homens. Paulo afirma que Cristo tem o primeiro posto, e seus fiéis, o segundo, depois de um notável intervalo. Não era porventura absolutamente inútil dizer com tanta solenidade uma coisa tão evidente? Sem dúvida o Apóstolo teria podido prescindir disso; mas ele faz questão de ressaltar, com essa superabundância de expressão, insistindo na ordem cronológica das ressurreições respectivas, que o Cristo glorificado tem realmente o papel de "primícias", nas quais toda a massa é santificada como consagrada a Deus e por Ele aceita (*Karl Barth*) — aqui, glorificada. Porque toda a argumentação dele repousa nessa base. A data anterior da ressurreição de Jesus ilustra a sua função de "primícias". Convinha, portanto, que Cristo estivesse, na ordem do tempo, no primeiro τάγμα, ou seja, no primeiro posto — como um comandante que marcha à frente de suas tropas —, e que isso fosse sublinhado por um intervalo notável de tempo entre a ressurreição dele e a dos homens nele santificados.

Assim, não há dificuldade alguma em introduzir Cristo na enumeração como ocupando um ἴδιον τάγμα só seu (cfr. *Lietzmann*). Não é necessário (cfr. *Gutjahr*, al.) distinguir, entre os santos (para explicar ἐν τῷ ἰδίῳ τάγματι), diversos postos, designados a cada um conforme os seus méritos.

24. E depois (*ou* então), o fim (τὸ τέλος)! porque ele entrega[6] então a realeza (*ou* o reino) a Deus seu Pai, depois de ter feito desaparecer todo principado, toda dominação, todo poder.

Pela razão acima indicada, nós fazemos começar com εἶτα uma nova frase, em vez de coordenar εἶτα com o ἔπειτα precedente para fazer assim de τὸ τέλος a terceira ordem dos ressuscitados. Teofilato, mais tarde Caetano (refutado por Estius) e alguns outros, de fato, pensaram erroneamente (ver acima, sobre o v. 22) que esse τέλος significasse "os outros" que ressuscitarão sem serem salvos. Ao menos, todavia, nem por isso esses exegetas chegavam a sustentar que haveria entre a ressurreição dos dois grupos um intervalo de reino milenário;

5. Cfr. Col., I, 18: "primogenitus ex mortuis".

6. παραδιδοῖ presente, não παραδῷ que a Vulgata parece pressupor.

os dois atos deviam suceder-se imediatamente, e o juízo vir imediatamente em seguida. (Ver, abaixo, a exegese de *I Tess*.). Totalmente arbitrária, e sem nenhum apoio no restante do Novo Testamento,[7] é a opinião de Lietzmann, Bachmann, Loisy, al., que pretendem ver um intervalo de guerras messiânicas, ou um *millenium*, entre a Parusia acompanhada da ressurreição dos *cristãos* que confessaram em vida o nome de Cristo, e a ressurreição de um τέλος: os outros justos, os não-cristãos, que ressuscitariam então também, mas no último posto, como um suplemento ao número dos eleitos que o foram de pleno direito.

Jesus, pois, destruirá todo poder oposto ao seu, ou que pudesse fazer sombra ao seu,

25. Porque é preciso que dure o seu reino até que ele tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés.

Nós entendemos βασιλεύειν — e é bem gramatical — da duração, da prolongação do reinado de Cristo, que se estenderá bastante, através das eras, para que todos os seus inimigos sejam derrotados um após o outro, e para que todo poder humano se mostre vão em face do seu. Decerto Paulo não quer dizer que Cristo começará a ser rei em ato somente quando da Parusia e da ressurreição dos cristãos; ele mais de uma vez disse expressamente que já estamos sob o reinado do Cristo Senhor (κύριος); assim, em *Rom*., XIV, 17, o serviço do Cristo é identificado com o "reino de Deus", e em *Fil*., II, 9. ss., Jesus possui já, desde a sua exaltação, o nome divino que há de fazer dobrarem-se sucessivamente todos os joelhos, mesmo na terra (καὶ ἐπιγείων, v. 10). Esse reino messiânico das profecias não está, portanto, reservado para o futuro; apenas, na época presente ele é objeto de contradição, tem de abater progressivamente os obstáculos e só quando o último tiver desaparecido é que ele será reconhecido por todos. Aí então esse reinado, de certa forma, cessará, como indicam o v. 24 e, mais adiante, o v. 28. Alguns antigos, por exemplo Teodoreto, para esquivar essa ideia e toda aparência de inferioridade da Segunda Pessoa divina com relação à Primeira, contra Ário e Eunômio, entenderam ἄχρι οὗ no sentido de grau, e não de duração: "É preciso que ele seja rei (ao longo da história terrestre) *ao ponto de* pôr todos os seus inimigos debaixo dos seus pés"; mas essa interpretação é menos adaptada ao contexto. Ademais, os Padres já explicaram suficientemente que Cristo não cessará de reinar após a consumação — assim como o Pai não tinha, tampouco, suspendido realmente o exercício de sua realeza enquanto Cristo reinava;

---

7. Nem mesmo em *I Pedr.*, III, 19-29; mas seria longo demais prová-lo aqui.

simplesmente, a característica própria do Reino de Jesus-Messias, que era a mediação e a luta contra os inimigos, findará na Parusia; o Salvador cessará de exercer o papel de chefe de uma Igreja militante; como representante da humanidade, ele entregará ao Pai todos os troféus de suas vitórias, Deus será "tudo em todos", o mundo inteiro estará conscientemente submetido ao seu poder, já não haverá qualquer modalidade distintiva entre a dominação de Cristo como Messias e a dominação universal de Deus; o Pai e o Filho, assentando-se num mesmo trono (*Apoc.* XXII, 1, 3: "o trono de Deus e do Cordeiro") exercerão a mesma realeza, de forma indivisível, e em todo ato do Homem Jesus os olhares bem-aventurados verão a descoberto a Divindade mesma que atua. Pode ser que Paulo tenha insistido tanto, como diz Teodoreto, nesse retorno de todo o poder a Deus, para evitar que seus convertidos do paganismo, recordando-se das antigas fábulas deles sobre a sucessão de deuses supremos, achassem que Jesus tivesse substituído pelo seu poder o poder do Deus de Abraão e de Moisés, que teria se retraído para deixar seu Filho agir em seu lugar. Esta pode ser uma opinião exata; afinal, os erros pagano-gnósticos espreitavam já a fé dos ignorantes.

26. O último inimigo aniquilado, é a Morte.

A vitória de Cristo, como Messias, como cabeça e salvador da humanidade resgatada, deve ser tão total, que não se deterá antes de ter destruído a Morte mesma, introduzida na humanidade pela inveja do Diabo e o pecado de Adão, e personificada aqui como o adversário último, aquele que resistirá até o derradeiro instante. Cristo não entregará a seu Pai um reino pacificado senão após ter aniquilado esse último efeito do poder do Diabo. Tal será a última obra de seu reino messiânico, concebido como modalmente distinto do de seu Pai. Mas em que momento isso acontecerá? Paulo, em todo esse contexto, não falou senão uma única vez, explicitamente ao menos, de um fato que equivalha a uma "destruição da morte": trata-se da ressurreição "dos de Cristo", no versículo 23; ademais, o emprego dos tempos presentes παραδιδοῖ (que é a verdadeira lição no v. 24) e καταργεῖται (v. 26; "o último inimigo, que desaparece *então*, é a Morte"), e não de um tempo futuro em 26, nem em 23 de um aoristo subjuntivo com valor de futuro anterior (que implicaria ainda em uma espera), insinua a coincidência entre, de um lado, essa destruição da morte, assim como essa devolução de poder, marcando o fim de tudo, τέλος, e, por outro lado, o fato antecedentemente enunciado, a ressurreição dos fiéis quando da Parusia; Jesus está em condições de devolver a realeza

nesse instante, e podemos dizer que o termo foi alcançado: "E depois então, é a consumação final, nesse momento em que ele pode afinal entregar a seu Pai a plena realeza que adquiriu para Ele, agora que destruiu todos os seus inimigos, dentre os quais o último a ser destruído, a Morte, está doravante *abolida pela ressurreição*."

Essa passagem bastará, portanto — interpretando-a dessa forma bem natural e bem gramatical, sem discorrer sobre um termo obscuro —, para nos dar a conhecer toda a escatologia de Paulo (a ressurreição dos réprobos estando somente subentendida, com o juízo), e para apartar toda ideia de "Reino intermédio" depois da Parusia. Convém notar somente que Paulo nada diz aí acerca dos homens que a Última Vinda encontrará ainda vivos sobre a terra.

*
* *

Caso se estime, todavia, que usamos por demais do direito de interpretação com respeito à perícope 22-26, examinemos então a passagem do mesmo capítulo, vv. 50 e seguintes, que nos traz de volta ao mesmo tema escatológico.

As duas perícopes, bastante divergentes na maioria das suas características, têm contudo isto de explicitamente idêntico: tanto uma como a outra terminam com *a destruição da morte*, que coincide com o fim de toda a história terrestre. Ora, se ainda não estivermos convencidos de que isso acontece no exato momento da Parusia acompanhada da ressurreição "dos de Cristo", e não ao cabo de um período subsequente, as últimas dúvidas devem dissipar-se com a leitura de 50-55, onde uma perfeita coincidência é estabelecida entre esses três acontecimentos.

Que lugar ocupa essa perícope na argumentação de Paulo?

Paulo responde aí a uma pergunta feita no v. 35, àquilo que constituía a grande dificuldade para os rebeldes de Corinto:

35. Mas dirá alguém: "Como ressuscitam os mortos? Mas com que espécie de corpo (ποίῳ δὲ σώματι) eles retornam?"

Em vez de resolver imediatamente o problema, o Apóstolo multiplica considerações que devem dispor os espíritos a ouvir e aceitar a resposta, a promessa audaciosa que será exprimida somente no v. 49 e seguintes: a saber, que os mortos eleitos terão um corpo "pneumático", semelhante ao corpo glorificado de Jesus Cristo — e, além disso, que os fiéis que não estiverem mortos no dia em que acontecer essa gloriosa ressurreição, verão seus corpos transformados para se tornarem semelhantes aos primeiros

em glória (Remetemos as considerações preparatórias para uma nota, a fim de não carregar nossa exposição)[8].

O v. 49 responde, então, à pergunta do v. 35:

49. Tal como nós trouxemos a imagem do [homem] feito de pó, assim nós traremos (φορέσομεν)[9] a imagem daquele que é do céu.

Mas Paulo quer explicar melhor essa resposta, e completá-la. Era preciso, em primeiro lugar, que já não tivesse mais nenhuma

---

8. Eis uma paráfrase, resumidamente, desses famosos versículos 36-49, cujo sentido e nexo lógico são tão discutidos entre exegetas. Justificar nossa interpretação exigiria um artigo no mínimo tão longo quanto este:

Certos Coríntios se admiram de que um corpo morto e putrefato possa ressuscitar, e não veem o que poderia ser realmente esse corpo novo, nem donde seria tirado. Mas, declara Paulo, a Natureza mesma deve ajudá-los a compreender isso por meio das analogias que todo dia ela põe ante os olhos deles. Não lhes mostra ela, porventura, que no mundo vegetal a morte do grão é condição de sua multiplicação, de sua passagem para uma vida mais ampla? Sim, longe de ser um obstáculo, é uma condição. Primeira ideia.

Segunda ideia: aí está, com efeito, uma operação que já lhes revela o poder de Deus: de um grão que apodrece na terra, ele faz brotar uma espiga, que é bem mais do que um grão, ainda que a natureza da espiga permaneça condicionada pela do grão, ao qual ela permanece, portanto, de certa forma, idêntica, Deus tendo-o assim estabelecido. Porque ele pode criar todos os corpos que quiser. Paulo, deixando a esta altura o mundo vegetal, e a comparação subentendida do grão com o corpo humano, e a condição do pleno desabrochar, que é a morte (ideias que ele nada mais fez que indicar ou insinuar, para voltar a elas mais adiante), enumera agora os corpos animais, com a admirável variedade pela qual Deus os distingue. Mas isso não é tudo: que eles olhem para uma outra espécie de corpos, bem mais belos, os corpos celestes (que os antigos acreditavam incorruptíveis), o Sol, a Lua, as estrelas. Que variedade existe entre eles, e mesmo de uma estrela para a outra!

Ora, terceira ideia: por que alguém acreditaria, depois de Deus nos ter dado tais provas da variedade de seu poder criador no universo visível, que esse poder esteja confinado a criar os corpos que se veem no presente? Todos aqueles de que se falou são materiais; podem existir também corpos espirituais, se Deus quiser criá-los.

Quarta ideia: esses últimos poderão aparecer após os corpos "psíquicos" (como a espiga, pensa sem dúvida Paulo, não aparece senão após o grão). E volta à comparação insinuada no começo, ou melhor, inverte oratoriamente a ordem lógica: "Perguntais como se dará a ressurreição? De forma análoga à germinação do grão que se segue à semeadura; o que é semeado na corrupção ressuscitará na incorruptibilidade, etc… *porque*, se há um corpo psíquico, há também um corpo pneumático"; sua produção não excede o poder de Deus.

[*Esta nota continua no rodapé da página seguinte…*]

obscuridade; depois, como só se tratara dos mortos, os Coríntios podiam indagar-se qual seria a sorte dos fiéis encontrados ainda em vida por Cristo ao retornar. Ele continua, por isso, mediante o seguinte desenvolvimento, que traduzimos primeiramente com literalidade bárbara:

50. Mas eu afirmo isto, irmãos: "carne e sangue" não pode herdar a realeza de Deus, nem a corrupção herda a incorruptibilidade.

51. Eis que eu vos digo um mistério.[10]

Quinta ideia: tanto melhor podemos acreditar nisso, por sabermos que já existe um assim: é o corpo de Cristo, tal como é hoje, formado após o de Adão. A diferença entre os dois corpos corresponde à diferença entre Cristo e Adão; um, segundo o Gênese, foi constituído "em alma vivente" (designação *a potiori parte* [conforme a parte principal]), ele que de início não passava de pó, e assim ele viu-se capaz de transmitir a vida psíquica natural; o outro foi constituído "em espírito vivificante" — com um papel, consequentemente, bem mais elevado e mais ativo —, porque era "celeste" (ἐπούρανιος) e porque o que dele preexistia não era somente pó, mas essa parte celeste de seu ser (que será designada em *Rom.*, I, 4, como πνεῦμα ἁγιωσύνης, isto é, a natureza divina, com os dons sobrenaturais que dela defluem na humanidade de Jesus pela união em uma pessoa), parte celeste que é um princípio de vivificação total, para sua humanidade e para a dos outros, e que faz dele capaz de transmitir não uma simples vida natural, como Adão, com "a carne e o sangue" que o tornam pesado, mas uma vida glorificada, "pneumática", como a que seu corpo recebeu na ressurreição.

Assim nós todos (e o próprio Cristo, após Adão, do qual é descendente) tivemos corpo feito à semelhança de Adão nosso ancestral, formado da terra; depois, como Cristo teve em seguida seu corpo glorificado — o mesmo corpo, mas transformado — pela ação do seu πνεῦμα vivificante, assim, pela ação desse πνεῦμα do segundo Adão, poderemos ter corpos transformados, perfeitamente adaptados ao espírito, conformes ao corpo "pneumático" de Jesus ressuscitado.

9. φορέσομεν é a lição de Teodoreto e da maioria dos críticos. Crisóstomo e outros leem φορέσωμεν, "trazemos"; nesse caso, tratar-se-ia de uma exortação abarcando a resposta, predição e promessa. Pouco importa para o assunto que nos ocupa.

10. [N. do T. — Para a correta tradução e interpretação de *I Cor.* XV, 51b (ou v. 52, na enumeração do Pe. ALLO, *supra*), o leitor brasileiro terá, como sói acontecer, dois escolhos a evitar: um "às direitas", por assim dizer, quanto à Vulgata, caso confunda isenção de erros teológicos com infalibilidade filológica; outro, "às esquerdas", se julgar que tudo o que venha da Escola Bíblica de Jerusalém, por exemplo, seja sempre um verdadeiro progresso em relação ao que se publicou no passado (em melhores tempos, dir-se-ia…).

Assim, de um lado, *I Cor.* XV, 51b é vertido erroneamente, em traduções da Vulgata mais antigas ou menos atentas aos progressos da exegese (não, porém, na Nova Vulgata, que corrige acertadamente para: "Non omnes quidem dormiemus, sed omnes immutabimur"), como: "todos certamente ressuscitaremos, mas nem todos seremos mudados" (ou: "transformados", ou ainda: "transfigurados") — assim (sem pretender ser exaustivo), na

52. Nem todos nós dormiremos, mas todos nós seremos mudados, em um instante indivisível (ἐν ἀτόμῳ), num piscar de olhos, quando da última trombeta — pois a trombeta soará —; e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós, nós seremos mudados.

53. Porque é preciso que este corruptível se vista da incorruptibilidade, e que este mortal se vista da imortalidade.

54. Mas, quando este corruptível tiver se vestido de incorruptibilidade e este mortal tiver se vestido de imortalidade, aí então se cumprirá a palavra que foi escrita: "A morte foi devorada na vitória" (*Is*. XXV, 8).

55. "Onde [está], morte, a tua vitória? Onde [está], morte, o teu aguilhão?" (*Oseias*, XIII, 14).

56. Mas o aguilhão da morte, [é] o pecado…

Bíblia trad. Antônio Pereira de FIGUEIREDO (corrigido, mas somente em nota…, por Mons. José Alberto L. de Castro PINTO, na Ed. Barsa, 1971); nas Epístolas trad. D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora de NAZARETH (Ed. da Pia Sociedade S. Paulo, 1935); no N. T. trad. Dom Vicente ZIONI (Ed. Paulinas, 1975); no N. T. trad. dir. por Fr. João José Pedreira de CASTRO (Ed. Vozes, 1939; mas, na "Bíblia Ave-Maria", por ele revista, vertido corretamente: "nem todos morreremos, mas todos seremos transformados"); na Bíblia trad. Pe. Matos SOARES (Lisboa, 1932, e reedições do original; não, porém, na versão revisada por Dom Mateus ROCHA [Ed. Paulinas, ~1980 em diante] que corrige felizmente, no próprio corpo da tradução, para: "não morreremos todos, mas todos seremos mudados").

Por outro lado, nas versões modernas da Bíblia que aqui traduzem corretamente, ocorre às vezes de o comentário em nota trair o sentido correto da tradução — assim, na famigerada *Edição Pastoral* (Ed. Paulinas, década de 1980), a nota ao versículo em questão começa assim: "Paulo imagina que Cristo há de voltar antes que a sua geração morra…", enquanto a mais recente edição da *Bíblia de Jerusalém* (1998; trad. Ed. Paulus, 2002) anota aí: "Paulo esperava que a Parusia acontecesse antes de sua morte."; duas formulações que, no mínimo, induzem em erro (para escapar do qual, seria preciso equivocar sobre o sentido de "imagina" e "esperava", contra o entendimento mais óbvio que despertam em todo leitor desprevenido); exploram assim a pequena brecha deixada pela edição anterior da *BJ* (1973; trad. rev. Ed. Paulinas, 1985, que permanece a melhor edição), a qual anotava o "nós seremos transformados" do versículo seguinte (*I Cor.* XV, 52) assim: "Isto é, aqueles que então estiverem vivos. Paulo encara a possibilidade de ser um deles, mas cf. 1Ts 4,15+; 5,1+"; e, na primeira das duas notas aí referidas, lê-se: "Aqueles que ainda estiverem vivos no dia da Vinda, entre os quais Paulo se coloca aqui, por hipótese, exprimindo uma esperança e não uma certeza (cf. 5,1+)." (Para notas perfeitamente acertadas e límpidas a *I Cor.* XV, 51-53, e a *I Tess.* IV, 15, na linha do que é demonstrado magistralmente aqui pelo Pe. ALLO [cf. tb. n. 19, *infra*], veja-se a *Bíblia Sagrada. Tradução dos textos originais, com notas, dirigida pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma* [Ed. Paulinas, 1967], *ad loc*.)

Não é este um caso isolado, infelizmente, de regressão a posições hipercríticas (há muito refutadas) por parte da mais recente edição da *BJ*, indo muito além (ou, melhor dizendo, aquém) de sua edição anterior; apontei outra na Apresentação da Tradução (v. ali, nota 1 à p. 5) de: Cardeal Nicolás WISEMAN, *A Presença Real do Corpo e do Sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo na Santa Eucaristia*, *Provada pela Escritura*, Vol. I: *O Discurso do Pão da Vida (Jo 6)*, Londres 1836; trad. br. (São Paulo 2018) em: "archive.org/details/Wiseman-EucaristiaProvadaPelaEscritura".]

Esse palavra-por-palavra servil pode dar azo a muitas discussões sobre o sentido preciso de termos particulares. Mas ao menos isto é ensinado de forma manifesta: em um instante indivisível, em um abrir e fechar de olhos, acontecerá uma ressurreição dos mortos, uma transformação dos vivos, e o desaparecimento da morte para todo o sempre.

Se fosse de crer que dois atos, separados por um longo intervalo, tivessem sido distinguidos na ressurreição em 20-26, pelo menos a perícope presente só pode corresponder ao último desses atos. Porque tudo se passa quando da *última* trombeta, a do fim do mundo, e a morte — o *último* inimigo, v. 26, — é aniquilada exatamente nesse instante. Dado, pois, que se trata da Parusia (que não é nomeada aqui, mas que efetivamente é preciso subentender aqui, como provaremos logo mais, pela exegese de outra epístola), toda a questão do Milênio material e terrestre fica assim decidida, e negativamente. Ora, não há nada que possa fazer supor que a Parusia já tenha acontecido muito tempo antes dessa ressurreição e dessa transformação dos homens quando da "última trombeta"; nada indica que categoria alguma de homens tenha sido ressuscitada numa época anterior, nem que fiel vivo algum já tenha sido transformado — como teria sido mister se todos os beneficiários de um Reino de mil anos que se intercalasse entre a Parusia e o juízo final tivessem sido, conforme imaginações como a de Zahn[11], isentos da morte.

Além disso, todo mundo admira o entusiasmo lírico do Apóstolo, ao celebrar aqui, pela segunda vez, a destruição da morte. Essa devoração da morte na vitória, que coincide com o τέλος, ὅταν παραδιδοῖ de 24, é também (cfr. v. 56) a destruição, no que diz respeito aos eleitos, de todas as consequências da morte, a começar por sua causa, o pecado. O que pode haver então de mais artificial, e mesmo de mais contrário a todo o espírito desse ensinamento, que vir supor (com Joh. Weiss) que nos versículos 24, 26 — e também aqui, em 54-55, pois se exigiria isso! —, se trate da ressurreição dos réprobos? Seria caso realmente de cantar com tais inflexões a incorruptibilidade e a imortalidade, a vitória sobre a morte, por ocasião de desgraçados que só revivem para ser entregues à morte eterna?! — Quanto a uma segunda leva de justos, menos pertencentes a Cristo do que os outros, e que seriam os únicos a ressuscitar então, os últimos, obrigados a esperar a última trombeta, está claro que não se trata disso aqui, e que introduzi-los seria pura imaginação.

---

11. No comentário dele ao Apocalipse.

Podemos, por conseguinte, combinar e parafrasear tudo o que Paulo ensina aos cristãos, neste capítulo XV, sobre a certeza e a maneira da ressurreição bem-aventurada deles[12].

Antes do mais, ele lhes disse que, se Cristo não ressuscitou (como resultaria logicamente duma negação geral da ressurreição dos homens) e eles, por conseguinte, não devam ressuscitar tampouco, todo o trabalho deles está perdido. 19. “Se nós somos pessoas que, nesta existência, terão ‘esperado’ em Cristo, e nada mais que isso, somos de lastimar mais do que todos os homens. 20. Sim! Mas Cristo realmente ressuscitou dos mortos! *Ele ressuscitou como* primícias dos que dormem, *mostrando assim – e garantindo-lhes – a sorte futura deles; porque Deus, tomando Jesus como primícias, mostrou que se apropriava de toda a massa*. 21. *Chamo-o “primícias”, a ele que nos abre o caminho para a glória, porque,* depois que[13] a morte veio por um homem (*primícias da morte e responsável pela morte de todos*), é também por um homem que virá a ressurreição dos mortos. 22. Porque assim como em Adão todos morrem (*porque são de sua descendência e feitos à sua semelhança, seres como ele tirados do pó e que carregam a pena do pecado dele* — v. *Rom*. V), assim, é em Cristo que todos serão vivificados[14]. 23. Mas cada qual no posto que lhe cabe: *primeiro ressuscitado é* o Cristo, como primícias; depois *ressuscitarão* os que pertencem a Cristo, quando da Parusia dele. (*Com efeito, é necessário, sim, que haja um intervalo entre as primícias e a massa donde foram tiradas; será todo o decorrer da vida deste mundo, durante a qual a massa dos vivos viverá da esperança, de uma esperança fundada e segura, conformando-se a suas primícias*). 24. E depois *então*, é o fim; agora que ele entrega a realeza a Deus seu Pai, depois de ter reduzido a nada todo principado, dominação e poder. 25. Porque é preciso que ele seja Rei, *Rei da história e dos tempos messiânicos, até o fim, e que seu reinado dure e se prolongue até aquele instante*, até que ele tenha posto todos os seus inimigos debaixo de seus pés, *como a Escritura*

---

12. Traduzimos liberrimamente desta vez, e acrescentamos nossas explicações em itálicos.

13. ἐπειδὴ pode também se traduzir como “visto que”, preferido por muitos tradutores. A doutrina de Paulo (ver *Rom.*, V, 12-21) faz realmente um elo entre a obra de Adão e a de Cristo. Mas, em todo caso, é a vontade livre de Deus que estabeleceu esse elo e essa correspondência antitética; não se há de ver aí, como por exemplo Leisegang (*Paulus als Denker*), um elo de causalidade necessária, segundo uma metafísica mais ou menos heraclitiana.

14. Ou então: “todos os que serão vivificados o serão em Cristo”. Em todo caso, Paulo não fala aqui senão com referência aos eleitos, v. *supra*.

predisse do Messias. 26. O último inimigo, que será *então* aniquilado, é a morte, *quando daquela ressurreição geral que destruirá a morte, e suas causas, e suas consequências*……………… 35. Mas vós me indagais como poderá acontecer essa ressurreição? Não concebeis qual gênero de corpo poderá ser o dos ressuscitados? (36-49. Mas vede o poder de Deus em criar todos os gêneros de corpos que quiser, e lembrai-vos do que é o corpo de Jesus, o homem celeste, transformado com sua ressurreição). 49. *Eis aqui então a resposta:* assim como nós trouxemos a semelhança do homem feito de pó, igualmente traremos também a semelhança do homem celeste, *do Cristo ressuscitado*. 50. Mas, *para que entendais bem, contra toda imaginação grosseira ou insuficiente, até onde irá essa semelhança e a quem ela se estenderá*, eu vos afirmo isto, irmãos: ‘a carne e o sangue’, *quero dizer, aquilo que é enfermo, fraco, caduco na natureza humana*[15], não podem herdar a realeza de Deus (*participação na qual, está prometida para nós*)*; será preciso, portanto, que sejamos desprendidos das fraquezas que existem em nosso estado presente; esta* corrupção, *que era o destino do nosso corpo, deste grão semeado em todas as pobrezas da vida presente e destinado a apodrecer no sepulcro*, não herda a incorruptibilidade; *ela não poderá prolongar-se sob o regime da incorruptibilidade, seria contraditório; logo, será preciso que sejamos todos mudados profundamente*. 51. Eis *então* que, *além disso,* eu vos revelo um mistério (*porque poderíeis indagar-vos — já que vos apresentei a morte, a morte que o próprio Cristo teve de sofrer, como condição para nossa glória futura — o que é que sucederá aos que a Parusia encontrar ainda vivos*). 52. *Esse mistério, compreendei-o:* Não é na totalidade[16], *sem dúvida alguma, como eu já disse* (cfr. *I Tess*., *infra*), que dormiremos *com o sono da morte;* mas é na totalidade[14] que seremos mudados, *transformados; e isso* num instante indivisível, num piscar de olhos, quando da ‘última trombeta’ (*e não antes*) — porque a trombeta ressoará! —, *nós seremos transformados, todos os fiéis pertencentes a Cristo, quer pela ressurreição ou de outra maneira,*

15. Ou então: “a pessoa humana, enquanto repleta de enfermidades, não pode (*in sensu composito* [~ simultaneamente]) herdar, etc.”

16. Πάντες tem evidentemente a mesma extensão nos dois membros dessa frase antitética; consequentemente, a “transformação” atribuída a πάντες[2] engloba também a ressurreição propriamente dita, como um de seus dois modos eventuais. Trata-se de todos os fiéis, de Corinto e alhures, daquele tempo e de toda e qualquer outra época; o ensinamento de Paulo visa a universalidade dos fiéis dignos da salvação. E ele não pensa aqui, como tampouco em *I Tess*., em ensinar-lhes coisa alguma sobre a data da Parusia.

os mortos retomando um corpo isento de todas as enfermidades e necessidades que este tivera antes de morrer, e os vivos desprendendo-se de todas essas necessidades e enfermidades sem serem obrigados a morrer; então, os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós (*falo em nome tanto dos mortos como dos que não serão mortos*), nós seremos *todos* mudados *em todas as nossas condições de vida, de maneira a passar para o estado de ressuscitados ou para o mesmo estado que o dos ressuscitados*. 53. Porque é preciso que este corpo corruptível (*que temos no presente, e que os mortos tiveram*), vista a incorruptibilidade[17], e que este corpo, agora mortal, vista a imortalidade. 54. E quando este corpo corruptível tiver vestido a incorruptibilidade, e este corpo mortal tiver vestido a imortalidade, *e já não houver para nenhum de nós dessas indigências 'da carne e do sangue': que hora, ó irmãos, será esta hora em que a manifestação de Cristo nos trará a todos, os mortos e os vivos, a plenitude de uma vida indefectível!* Aí então se verificará, *proclamada por Deus e por todos os seres*, a palavra da Escritura: "A morte foi devorada na vitória!"

55. "Onde está, ó Morte, tua vitória"?… 58. Assim, meus irmãos bem-amados, sede firmes, …*não vos deixeis mais perturbar a alma com todas essas questões sobre a ressurreição*, sabendo bem que todo o vosso trabalho não é vão no Senhor, *e vos levará a uma vida completa e eternamente bem-aventurada*."

Nessas perspectivas encorajadoras que Paulo descortina aos seus Coríntios, vemos que não há a mais mínima menção de um Milênio de felicidade que devesse começar durante a vida deles ou mais tarde. Diremos então, finalmente, conforme este capítulo XV da Primeira aos Coríntios: ou que Paulo nem suspeitou da expectativa milenarista, ou que, se ele a conheceu, afastou dela resolutamente os seus fiéis.

*
* *

A demonstração já está bem completa a nossos olhos. Se ainda houver quem não se satisfaça com ela, examinemos a outra famosa passagem escatológica, *I Tessalonicenses*, IV, *13-18*.

---

17. A palavra ἐνδύσασθαι, "vestir", é, não obstante *Joh. Weiss*, é uma figura muito exata, e não uma aproximação, visto que na ideia de Paulo, a despeito das teorias desses autores, é o *mesmo* corpo que era mortal e que se tornará imortal, despojando-se da veste terrestre para vestir a veste celeste, as qualidades "pneumáticas"; não há distinção de sujeito.

O intervalo de tempo que separa essa epístola da outra não deve, afirmamo-lo uma vez mais, ser levado em consideração. Mas o estado psicológico dos leitores difere; está, por assim dizer, virado do avesso. Ao passo que Paulo supõe, segundo os últimos versículos (50 e ss.) da passagem precedente, que certos Coríntios podiam se perguntar como é que os vivos, no dia da Parusia, não estariam em condição inferior à dos mortos, aqui é o inverso, e o Apóstolo se vê obrigado a declarar aos Tessalonicenses que os vivos, no dia da Parusia, não terão sobre os mortos vantagem alguma. Estado de espírito que já não compreendemos; é de crer que esses piedosos e ardentes fiéis da Macedônia tenham sido influenciados por quimeras de quiliasmo judaico. Na Tessalônica, aguardava-se com fervor o retorno de Cristo, e muitos, para uma época próxima, antes do fim da geração contemporânea. Paulo, sem o querer, tinha alguma parte nisso: ele os havia entusiasmado com a esperança do retorno de Cristo; mas a duração do ensinamento dele tinha sido muito abreviada — ou a mente deles, lenta demais em abrir-se —, para que ele os tivesse imbuído bem do conhecimento das modalidades da Vinda gloriosa. Sob influência talvez das sinagogas locais, e dos prosélitos ou "tementes a Deus" que formavam uma parte da comunidade (*At.* XVII, 4), eles acreditavam que Jesus — o Messias encontrado! — logo desceria novamente à terra, em meio aos seus fiéis vivos, para lhes assegurar um período indefinido de felicidade perfeita; mas eles não enxergavam bem qual seria a sequência dos acontecimentos, nem como é que os seus irmãos na fé que a morte já tinha levado poderiam ter sua participação nessa felicidade. A ressurreição, que Paulo não pode ter deixado de lhes ensinar, impressionava-os menos do que essa perspectiva de regeneração na terra, e parece ter ficado para eles num nebuloso tempo longínquo.

Paulo retifica esses modos de ver judaicos: declara-lhes que os mortos terão acesso à felicidade ao mesmo tempo que os vivos, e que isso se dará somente, de forma completa, no Dia da Ressurreição. Ele não fixa ainda para isso época alguma, respeitando a incerteza com que Cristo, segundo os Sinóticos, quisera deixar os crentes acerca da data de seu retorno. É somente na Segunda Epístola aos Tessalonicenses que, tendo podido constatar os inconvenientes desse silêncio, ele determinará uma série de acontecimentos intermediários, cujo desenrolar empurra a Parusia para bem longe no futuro. Ele assinala aqui duas categorias nas quais se encontrará, naquele dia, repartida a universalidade dos fiéis: os vivos e os mortos; e, como ele e seus leitores estão contados atualmente entre os vivos, ele fala em nome dessa categoria, sem de maneira nenhuma dizer

ou insinuar que não passarão para a outra. Toda a questão é tratada unicamente do ponto de vista dos princípios, sem nenhuma determinação individual. Eis aqui, ademais, o texto:

I Tess., IV, 13. Mas não queremos que fiqueis na ignorância, irmãos, acerca dos que adormeceram, para não vos afligirdes à maneira dos outros, dos que não têm esperança (*de um destino glorioso para os seus finados*).

14. Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, por conseguinte os que adormeceram em Jesus (διὰ Ἰησοῦ), Deus os conduzirá (i.e. no-los trará)[18] com Ele (i.e. com Jesus).

15. Porque isto vo-lo dizemos, falando em nome do Senhor (cfr. *I Cor*., XV, 50 e 51): Nós, os vivos, os que forem deixados (na terra) até a Parusia do Senhor, nós não tomaremos a dianteira (οὐ μὴ φθάσωμεν) sobre os que adormeceram[19].

16. Porque o Senhor mesmo, ao sinal, à voz do Arcanjo, e à trombeta de Deus (cfr. *I Cor*., XV, 52), descerá do céu, e os homens mortos em Cristo ressuscitarão primeiro[20]. 17. Depois nós, os vivos, os que foram deixados, todos juntos, ao mesmo tempo que eles, seremos arrebatados às nuvens ao encontro de Cristo nos ares. 18. E, assim, estaremos sempre com o Senhor…

Esse texto efetivamente acaba de trazer toda a clareza desejável. A atitude de Paulo para com a “dupla ressurreição corpórea” e o Milenarismo revela-se aí manifestamente negativa. Tudo aí, de fato, é apresentado como se passando quase *in instanti* [num átimo], e aqui ninguém poderá duvidar de que se trata da Parusia. Ao mesmo tempo que o Salvador, Deus faz ressurgirem os mortos (evidentemente ressuscitados) à vista dos vivos. E, antes mesmo que Cristo haja tocado a terra, todos os salvos, mortos e vivos, são arremessados *ao seu encontro nos ares, arrebatados às nuvens*. Não é para tornarem a descer, a fim de julgar com Cristo os réprobos que aguardam tremendo na terra; essa ideia de antigos

---

18. As almas deles, ademais, antes desse dia, desfrutavam já da companhia de Cristo, vide *II Cor*. V, 6 ss. e *Fil*., I, 23.

19. Paulo esperava então ser pessoalmente um desses vivos no dia da Parusia? Seria preciso, nesse caso, que suas previsões tivessem mudado bastante, sem que ele tenha dito nada a respeito, quando escrevia *II Cor*., V, onde ele certamente prevê sua própria morte. Isso a despeito do artigo de *Lyder Brun* em ZNTW, 1929, *Zur Auslegung von II Kor. V, 1-10*; os vv. 6-8 seriam de uma singular banalidade, e pouco dignos do Apóstolo, se ele só quisesse dizer aí que preferiria (μᾶλλον) ser transformado (sem morrer) e arrebatado ao céu, antes que permanecer nas misérias desta vida; sem falar de outras razões, que exporemos a seu tempo.

20. Πρῶτον, “primeiro”, em correlação com ἔπειτα de 17, e não πρῶτοι, “os primeiros”, que os descobridores da “dupla ressurreição” em Paulo declaram ser o sentido desse πρῶτον, a fim de introduzir, também nesta cena, um segundo grupo de ressuscitados.

como Teofilato não passa duma pura e simples adição, que nada justifica, ao texto e à ideia. Porque está dito que, “assim” (οὕτως, v. 18), ou seja, sem nenhum outro acontecimento ou formalidade intermediária, “eles estarão sempre com o Senhor”. O arrebatamento deles às nuvens não foi outra coisa senão o arranque da ascensão contínua deles para o céu, onde repousarão eternamente com Cristo. Não está dito que os vivos tenham precisado antes ser “transformados”; mas isso é evidente, porque eles se encontram em condição igual à dos ressuscitados, ágeis como estes, voando com o mesmo voo.

Onde encontrar aí lugar para um Milênio terrestre seja qual for, que separe do Juízo a Parusia?

*
* *

Essa instantaneidade do drama supremo chega a ser levada aqui tão longe, que procuramos, não sem embaraço, onde, quando e como se dará o Juízo geral. É contudo indubitável que Paulo anunciou-o, como os Sinóticos, como o próprio João no Evangelho e, principalmente, no Apocalipse. *II Cor*. V, 10, é formal, tanto para os escolhidos como para os réprobos: “É preciso, efetivamente, que todos sejam levados a comparecer, às claras, perante o tribunal de Cristo, para cada um receber a retribuição do que fez mediante seu corpo (i. e. na sua vida corporal), conforme o que tiver realizado, quer de bem ou de mal.” E, nos versículos mesmos que se seguem imediatamente aos que acabamos de estudar, os ímpios são representados mergulhados em angústia na Parusia, que os surpreenderá como um ladrão noturno, para sua perdição (*I Tess*. V, 2-3).

Em suma, se reunirmos, junto das passagens acima explicadas, muitas outras das Epístolas, podemos reconstituir um quadro completo e bem impressionante do Último Dia. Paulo nelas conservou vários traços de apocalipse: o chamado angélico, a trombeta — o que, na simbólica judaica, era sinal da salvação trazida por Deus a seu povo e, correlatamente, do castigo de seus inimigos. O sentido profundo é o mesmo de *Mateus*, XXIV, 27: “Assim como o relâmpago sai do Oriente e é visto até no Ocidente, assim será a Parusia do Filho do Homem;… 30 …então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu;… e eles verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu;… 31 e ele enviará seus anjos com a grande trombeta: e eles reunirão os seus eleitos dos quatro ventos…”. Ou seja, Cristo aparecerá subitamente a todo o universo, e todos os homens serão surpreendidos ao mesmo tempo pelo resplendor de

sua teofania. Paulo está sempre bastante satisfeito de deixar na penumbra o destino dos ímpios; não descreverá, por isso, nenhuma cena judicial a desenrolar-se à maneira de um julgamento humano, como *Mateus*, XXV, 31-46. Quer isto dizer que ele suprima esses fundamentos do seu ensinamento escatológico? De jeito nenhum, pois ele fala muitas vezes da condenação dos réprobos, e tanto crê no Juízo final e universal, que associa ao pronunciamento da sentença todos os santos, noutras palavras: todos os escolhidos, que terão que "julgar o mundo" e inclusive os Anjos (*I Cor*. VI, 2-3); ele crê naquele "fogo" do Grande Dia, que revelará o valor exato de todas as obras humanas (*ibid*. III, 12-17). O juízo não é suprimido, mas sua totalidade é contraída em um instante indivisível; como se todos os homens, conformemente ao ensinamento ulterior do IV Evangelho, adotassem, ao verem chegar o Cristo-Juiz, a atitude que lhes é imposta pela relação em que sua consciência lhes diz que estão com essa Presença (cfr. *Rom*. II, 15-16); e essa Presença sanciona o juízo deles; cada um recebe, ante os olhos e com a ciência e aprovação de todo o Universo, ou uma ou outra das duas sentenças explicitadas por São Mateus. Mas tudo isso se dá numa visão rápida como o relâmpago, assim que Cristo aparece "sobre as nuvens": de uma só vez, todos os véus são arrancados, todos os segredos das consciências são desnudados, aprovados ou condenados por todos os Anjos e todos os homens juntos, todas as sentenças são pronunciadas pelo Juiz e pelos próprios réus, todo o universo é renovado por toda a eternidade (*Rom*. VIII, 21-22), e a separação entre os bons e os maus se faz também para toda a eternidade. Quadro ainda mais dramático do que a descrição do Evangelho, essa concentração de formidável majestade conduz a cena ao ápice do sobrenatural, e, ao mesmo tempo que produz, assim recomposta, o máximo efeito, ela faz a transição e estabelece a união entre o quadro do Juízo no Primeiro Evangelho e a concepção totalmente intelectual e espiritual que dele oferece o Evangelho de João.

Mas, de milenarismo, nessas fulgurantes profecias, nem o menor vestígio.

Gostaríamos muitíssimo de concluir com essa nota positiva e sintética. Mas, para voltar ao assunto que nos ocupava propriamente, a "segunda ressurreição corpórea", vemos que Paulo nega-a ao menos por preterição. Suas profecias são mesmo incompatíveis com esse desdobramento — com essa divisão da ressurreição dos corpos em duas partes — e com o milenarismo, muito embora ele devesse conhecer — como *I Tess*. leva

a supor, e mais não fosse que por sua antiga formação judia, erudita e pia, — alguma forma de quiliasmo. Ele fazia tão pouco caso deste, que nem sequer refutou-o diretamente.

Portanto, se compararmos o ensinamento de Paulo sobre os novíssimos com o do *Apoc.* XX, em vez de confundi-los, desnaturando a ambos para reduzi-los a devaneios dignos de Papias, cumpre constatar:

1.º Que um e outro deveriam distinguir-se já à primeira vista, na hipótese quiliasta mesma: porque se o Apocalipse supostamente prediz um Reino dos Mártires, Paulo falava manifestamente do de todos os justos "que são de Cristo"; logo, não poderíamos, nem mesmo nessa hipótese falsa, reduzi-los à identidade;

2.º Paulo fala da ressurreição corpórea no Último Dia; e o Apocalipse, da ressurreição espiritual das almas durante todo o Reino messiânico;

3.º O Apocalipse, para assim fazer, toma de empréstimo a figura judaica de um "Reino intermédio" (espiritualizando-o), a fim de significar os aspectos gloriosos na vida da Igreja militante, unida já à Igreja triunfante no decurso da história[21]; enquanto Paulo não contempla senão o que acontecerá no instante da Parusia, que é para ele o fim, e não o início, do "Reino intermédio" (se se quiser assim chamá-lo) de Jesus Cristo, a saber: aquele que começou com seu Primeiro Advento, na Palestina, e dali se estende por toda a terra.

Concluamos, portanto, que a teoria das "duas ressurreições" separadas por um Milênio encontra tão pouco apoio em Paulo como em qualquer outro autor do Novo Testamento. Toda a doutrina escatológica do Apóstolo implica aliás a negação dessa teoria.

Friburgo, janeiro de 1932.

E. Bernard ALLO, O. P.

---

21. Ver nosso *Commentaire de l'Apocalypse*[3], pp. 307-313, e Exc. XL, pp. 317-329.